

## QUILOMBOS QUILOMBOLAS: EDUCAÇÃO E CULTURA

Silva Ramos, Aline<sup>1</sup>

Orientador (a): Cavalheiro, Silvia<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente artigo enfoca, a cultura e a educação quilombola, destacando sua origem, e seus direitos conquistados durante suas lutas. O direito quilombola envolve uma gama de conquistas tais como, direito à educação, à cultura, à terra, e à preservação de sua identidade.

Tendo como importância conhecer a definição de quilombo, quilombola, grupo ao qual se caracteriza por suas lutas e conquistas, vale ressaltar que os quilombolas, como seres históricos do Brasil, possuem sua permanência de sua identidade até os dias de hoje, ou seja, são ente vivo, que sempre se encontrou e se encontra na sociedade brasileira. Através de sua permanente ação transformadora, os quilombolas produzem ações, que amplia tanto o conhecimento dentro da comunidade de suas culturas, manejo de terra, época de plantar determinada planta, confecção de produto artesanal, quanto fora de sua comunidade, possibilitando a ampliação de conhecimento à outras pessoas, por exemplo na formação continuada de professores para atuar diretamente nas escolas de quilombos, os quilombolas se encontram presentes nessas formações para repassar a um determinado grupo de professores sobre a especificidade do ser quilombola.

**PALAVRAS-CHAVE:** quilombolas, cultura, educação.

### 1. INTRODUÇÃO

Os quilombolas, sendo composto por uma etnia vinda de escravos, ao qual se disseminou, a comunidade de quilombos no Brasil. Se encontra nos quilombos, uma cultura vasta, que inclui, manejo de terra, conhecimento sobre plantas, lutas e direitos conquistados, religião, educação, e territorialidade como também a formação digna de sua identidade.

Nas comunidades quilombolas se planta diversos alimentos, tanto para o comércio como para o sustento da família. É predominante nas comunidades até três religiões, o catolicismo, o candomblé, e o evangelismo.

No Brasil a educação passou a ser efetivada como direito dos quilombolas, em 20 de novembro de 2012, tendo como prioridade, uma educação diferenciada para os mesmos, e formação continuada para professores sobre os quilombolas, e as práticas pedagógicas.

<sup>1</sup> Acadêmica do curso de pedagogia do Centro Universitário FAG- 2016. E-mail: aline\_silva\_ramos@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora orientadora. E-mail: profesilviafag@hotmail.com

## 2. DEFINIÇÃO QUILOMBO QUILOMBOLAS

*Quilombo* é uma palavra com origem da língua africana chamada banto (*kilombo*), significando: acampamento ou fortaleza. A qual foi utilizada pelos portugueses para denominar as povoações/comunidades formadas por negros fugidos da escravidão no Brasil Colonial e Imperial. Sendo assim, um quilombo é um reduto caracterizado por uma capacidade de sobrevivência e produção autônoma, livre do controle de um senhor (MARQUES, 2009, p. 340).

É uma comunidade instituída por um sistema político, econômico, religioso e de parentesco entre os indivíduos. Dessa forma, se torna uma alternativa a sociedade abrangente. (MARQUES, 2009, p. 344).

Já o termo *Quilombolas* é usado para se referir as comunidades remanescentes dos Quilombos. Sendo marcadas pela forte ligação entre território e identidade, possuindo como características: culturas próprias, religião e rituais compartilhados, origem ou ancestral comum, vínculo territorial longo, relações de parentesco generalizado, laços de simpatia e relações com a escravidão (MARQUES, 2009, p. 346).

## 3. CONTEXTO HISTÓRICO

Segundo Ribeiro (2006, *apud*, FURTADO, PEDROZA, ALVES, 2014, p. 108), faz parte da história do Brasil o tráfico de africanos e africanas vindos de diversas partes da África em decorrência do ano de 1554. Foi o país que mais importou escravos, sendo também o último país a abolir legalmente a escravidão. Com a dominação dos senhores sobre os escravos, havia repressão, opressão e violência.

Para Souza (2008, *apud*, FURTADO, PEDROZA, ALVES, 2014, p. 109), diante do quadro de resistência por parte dos escravos, os senhores seguiam a ordem escravocrata onde os escravos eram punidos caso se rebelassem dentro ou fora das senzalas ou em tentativas de fuga.

Os escravos em busca de liberdade dos senhores, do sistema escravocrata, das violências, e repressões, criaram estratégias de defesa clandestina e fuga. Surgindo os primeiros Quilombos. Para (FREITAS (1984) *apud*, FURTADO, PEDROZA, ALVES, 2014, p. 109):

A manifestação típica da insubordinação negra foi o que se convencionou chamar de Quilombo, sendo esta uma forma de sobrevivência e luta contra a escravidão diante das repressões evidenciadas. Inúmeros negros foragidos organizaram-se em localidades distantes o suficiente para resistirem ao sistema escravista imposto, constituindo-se, assim, os quilombos, lugar de refúgio desses negros. Essa era a alternativa possível diante do quadro de escravidão: refugiar-se em local de difícil acesso e manter-se em posição defensiva, lutando para sobreviver.

As primeiras comunidades quilombolas surgem em 1580, época em que Pernambuco ainda era considerado capitania do Brasil (SILVA & MELO, 2011, p. 1372).

Para Miranda (*apud*, FURTADO, PEDROZA, ALVES, 2014, p. 109), os Quilombos como lugar paralelo de poder, organização social e produção de subsistência, constituíram uma ruptura com o sistema latifundiário e escravista, tendo como emblema principal o Quilombo de Palmares.

“O mais famoso Quilombo foi o de Palmares, tendo como líder Zumbi dos Palmares. O Quilombo cresceu rapidamente após a invasão holandesa. Zumbi serviu como referência para muitos escravos que almejavam com a liberdade” (SILVA & MELO, 2011, p. 1373).

Foi instituído em 13 de maio de 1888 a proibição da escravidão, com isso, os senhores expulsaram os escravos da terra em que viviam, cabendo ao ex-escravo buscar possibilidades para uma boa condição de vida. Muitos se fixaram nas periferias urbana, outros refugiaram-se nas comunidades quilombolas, sendo escolhida pela maioria dos escravos que pertencia a área rural.

Com o surgimento de quilombos, um espaço de convivência livre para os escravizados, possibilitou o encontro com outros sujeitos na mesma condição e com raízes culturais próximas, mesmo que não fossem originários da mesma região da África. Foi se construindo um espaço, onde se reafirmava a cultura, o modo de vida comunal e coletivo, a religiosidade, reafirmavam também suas identidades pelo compartilhamento de símbolos, valores e costumes comuns. Possibilitando aos quilombos ter sua própria identidade diante da sociedade, em uma posição ativa de resistência, luta e discordância com o tratamento de submissão e exclusão imposto aos escravos (FURTADO, SUCUPIRA, ALVES, 2014, p. 110).

Para Junior (2012, p. 163), “A definição de quilombo, remete à cultura, identidade, territórios, propriedades, bens econômicos, sociais, culturais e políticos, fazendo parte a habitação, saúde e educação das comunidades quilombolas. O conceito de quilombo tem se libertado do conceito de raça social, dirigindo para a definição da história escravista, como quilombos que pertencem ao campo e a cidade pela sua etnia e cultura”.

#### 4. CULTURA DOS QUILOMBOS QUILOMBOLAS

De acordo com Junior (2012, p. 163) território, cultura, identidade e história são as categorias mais comumente presentes na discussão conceitual de quilombos como patrimônio histórico ou de patrimônio cultural. Para (LARAIA (2004), *apud*, JUNIOR, 2012, p. 163):

Na discussão conceitual de quilombos como patrimônio histórico ou de patrimônio cultural. O conceito de quilombo foi pensado no campo da identidade cultural, do território e da permanência histórica. O conceito de patrimônio cultural pode ser pensando como de patrimônio material e imaterial, mas ambos ligados á produção da identidade e da territorialidade.

Referente a territorialidade, os quilombolas desde o processo de construção da comunidade quilombola, se preocupavam em ter alimentos, sendo assim, era plantado milho, mandioca, banana, laranja e cana-de-açúcar. A caça, pesca e coleta de frutas completava sua alimentação.

A relação com a terra faz parte do ser quilombola numa concepção de educação cultural, encarnada na dinâmica da vida: conhecer as sementes e os tempos de plantar e de colher, os ciclos da chuva e as formas de aproveitamento de água, a cultura de certas plantas e animais (SILVA, P.10).

A fonte de renda vinha desde a venda de alimentos, plantados por eles, até produtos artesanais, sendo venda e troca dentro da comunidade, até locais vizinhos, estendendo-se a cidade. Essas características se encontram nas sociedades quilombolas depois de anos, pois, manter territorialidade e a identidade quilombola é o princípio de toda a sua cultura. Isto posto, a cultura quilombola envolve vários parâmetros, desde suas características próprias, como se organizam em comunidade, eventos festivos, religião, a convivência uns com os outros dentro da comunidade, partindo para a educação.

A religião nas comunidades quilombolas, tem como predomínio até três religiões o catolicismo, o candomblé e o evangelismo, por exemplo, nas comunidades quilombolas de Sutil e Santa Cruz, localizados no PR, na cidade de Ponta Grossa, existem basicamente duas religiões: o catolicismo e o candomblé (SILVA & MELO, 2011, p. 1375).

“Os quilombolas, são verdadeiros conhecedores a respeito de soluções com ervas medicinais, decorrente das doenças e males que surgem na comunidade. Saberes tradicionais que estão presentes na memória de pessoas mais velhas. As espécies dificilmente são plantadas, pois os quilombolas praticam o extrativismo em torno de suas casas. O conhecimento sobre as plantas para fins curativos, são traços que caracterizam as comunidades tradicionais” (TERRA E CIDADANIA, 2008 p. 128).

## 5. EDUCAÇÃO

Foi por meio dos movimentos sociais negros, que as comunidades quilombolas passaram a ser ouvidas no Brasil. Referente aos direitos sociais e políticos, a educação quilombola passou a ser efetivada com a resolução nº 8 de 20 de novembro de 2012, que define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Quilombola pelo conselho nacional de educação. O processo de elaboração das diretrizes curriculares nacionais para a educação escolar quilombola, começou em 2011 contando com três audiências públicas (Maranhão, Bahia, e Distrito Federal), envolvidos no processo de construção que parte das necessidades pedagógicas das comunidades (HAERTER, NUNES E CUNHA, 2013.p. 272-275).

Com o objetivo de construir juntamente com as comunidades quilombolas os alicerces necessários para elaboração das Diretrizes, principalmente na área da gestão pública no que se refere às necessidades da Educação Quilombola, como os processos de avaliação escolar, a alimentação, o transporte, a edificação do prédio escolar, condições de trabalho do professor, formas de ensinar e aprender, o processo didático-pedagógico e o financiamento (BRASIL, *apud*, LARCHERT, J. M. E OLIVEIRA, 2013).

No Estado do Rio Grande do Sul, onde ocorreu o “I encontro Estadual de Educação escolar quilombola”, e o primeiro encontro regional de educação escolar quilombola, ambos no ano de 2011, sendo organizado pela Universidade Federal de Pelotas, evento que reuniu representantes de comunidades quilombolas dos municípios próximos, tentando compreender as variadas demandas educativas. Além dessas iniciativas, ocorreu as audiências públicas organizada pelo conselho nacional de educação, envolvendo uma série de reuniões, obtendo como resultado a resolução nº 8 de 20 de novembro de 2012 em anexo (HAERTER, NUNES E CUNHA, 2013. p. 272-275).

A educação quilombola, envolve um processo amplo que inclui a família, a convivência com os outros, as relações de trabalho, com o sagrado e as vivências nas escolas nos movimentos sociais e em outras organizações da comunidade. Na comunidade há projetos de desenvolvimento, fortalecimento de sua organização política, preservação de sua identidade étnica e cultural, e de educação diferenciada nos quilombos (SILVA, p. 10).

As diretrizes nacionais curriculares para a educação quilombola, em seu processo de construção, segue três eixos pedagógicos da educação escolar (I) a proposta curricular, (II) gestão e a organização da escola e (III) formação de professores (LARCHERT, J. M. E OLIVEIRA, 2013).

**(I) Proposta curricular:** o currículo na escola formal, não considera as diferenças expressas na cultura em que está inserido. É preciso que a prática pedagógica da escola se assume afro-brasileira e impregnar-se de cultura negra rural quilombola. Ou seja, é necessário inserir no projeto educativo conteúdos, éticos, morais, comportamentais, culturais, sociais reconhecendo como

responsáveis pela formação da cidadania e fortalecimento das identidades culturais; para (BRASIL, *apud* LARCHERT, J.M. E OLIVEIRA, 2013):

Ao dialogar e incorporar os conhecimentos da realidade local dos quilombolas em diálogo com o global, o currículo terá como eixo principal: o trabalho, a cultura, a oralidade, a memória, as lutas pela terra e pelo território e pelo desenvolvimento sustentável dessas comunidades. Significa que a orientação de todas as disciplinas que deverão dialogar transdisciplinarmente entre si deverá ser a vivência sócio-histórica dos conhecimentos e aprendizagens construídos no “fazer quilombola” (BRASIL, 2011, p.32).

Envolvendo o ser quilombola, se observa que a ligação entre a cultura, a memória, e as terras, estão fortemente ligadas, sendo assim, vê-se que a educação quilombola, sendo única, ajuda nesse processo histórico, mostrando as crianças a importância do ser quilombola.

**(II) Gestão e organização da escola:** Uma gestão em direção da educação das relações étnico-raciais, deve encontrar novos caminhos para atender as especificidades da comunidade escolar quilombola. A escola precisa desenvolver projetos que fortaleçam suas identidades. Isso significa encontrar novos caminhos para atender as expectativas da comunidade escolar, estabelecendo relações mais flexíveis e participativas nas relações (LARCHERT, J.M. E OLIVEIRA, 2013).

**(III) Formação de professores:** o professor deve se constituir numa prática educativa como sujeito intercultural, com domínio dos conteúdos e das metodologias. Com os programas de formação para professores atuarem em escolas quilombolas, precisariam possibilitar aos professores a apropriação dos conteúdos, com o necessário aprofundamento teórico, para o desenvolvimento de uma atitude crítica diante da sua cultura e da cultura dos alunos, para que possa se apropriar do conhecimento necessário da sua identidade étnica e a dos seus alunos (LARCHERT, J.M. E OLIVEIRA, 2013).

As comunidades quilombolas do Paraná, têm deficiências escolares que vão desde a dificuldade de acesso, até a ausência de iniciativas ao universo escolar. Há comunidades que se localizam em média a 48 km de distância dos municípios onde estariam as escolas mais estruturadas. Aos problemas associados ao setor educacional, os transportes dos alunos: ônibus, kombis, vans e automóveis muito antigos, comprometem a segurança dos usuários. Ao que diz respeito a permanência dos alunos nas escolas, condiz num problema emergente, pois muitos alunos andam muito para chegar ao local (ponto) por onde passam esses transportes, ocorrendo a desmotivação por parte das crianças, jovens e adultos para ir ao encontro da escola. Com relação



aos conteúdos programáticos das instituições, na maioria das vezes não condiz uma aproximação abrangente dos saberes locais, não havendo uma interação entre comunidade tradicional e sociedade contemporânea (TERRA E CIDADANIA, 2008 p. 120-122).

No relatório de trabalho da equipe Clovis Moura, 2008, há um depoimento de Clarinda de Matos Andrade, 49 anos, que justifica a realidade dentro da comunidade quilombola a respeito da educação quilombola nas escolas, (p. 212):

*“Acho que eles pensam que nós somos uns bichos do mato que não precisam de cuidados. Acho que eles cuidam mais bem do bicho do mato do que de nós. Porque é difícil, já é difícil. [...] Mas por parte de governo e prefeitura tem muita coisa pra mudar ainda. E eu acho que até desespera: os jovens não tão confiando, tão querendo sair. Tão saindo, porque saiu um monte esse mês. Que se for contar os jovens que saíram esse mês... Tão saindo desacomodados, sem rumo! Pra começa minha filha mesma que saiu. Porque se ela tivesse numa situação boa, ela não tinha saído.[...] as crianças passavam mês, dois meses sem ir pra escola. O pior é quando chegava o final do ano eles passavam as crianças mesma coisa sem saber nada. Davam um trabalhinho pras crianças fazê no final do ano, vinha uns professores aqui no final e davam um trabalhinho e as crianças passavam de ano sem saber nada. E de fato a minha sobrinha que foi pra Curitiba, chego lá coitadinha, e ela foi humilhada na escola, achando que não sabia nada. Menina do mato, ela foi discriminada por causa o estudo que foi fraco demais aqui. Hoje que ela tá pegando fé na escola, hoje ela tá mais tranqüila. Meu menino também, saiu da escola daqui e foi pra lá. [Na escola] fizeram uma bateria de exame na cabeça dele pensando que era problema. No fim não tinha problema nenhum: era falta de estudo, não teve estudo. Ele ia pra escola e não aprendia nada. Ele só aprendeu alguma coisa quando coloquei ele na escola da Praia Grande. Mas cortaram o bolsa família minha, por causa que eu transferi ele de uma escola pra outra, por que a escola era melhor. Lá ele estudô. [...] Aqui agora tá melhor assim. Hoje as pessoas vem aqui e nos ensinam como lutar pelos nossos direitos”.*

*Clarinda Andrade de Matos, 49 anos.*

Diante das situações apresentadas, a Secretaria de Estado da Educação e do departamento da diversidade, visando o direito desses povos por uma educação de qualidade, passou a desenvolver um projeto de qualidade para essas comunidades. Em primeiro momento foi realizado um mapeamento das escolas que atendem essas comunidades, e as distâncias percorridas pelos

educandos para chegarem até o estabelecimento de ensino. Na sequência foram/ está sendo realizados cursos de formação para professores, bem como a elaboração de material pedagógico para a alfabetização dos alunos (as) quilombolas (PARANÁ, 2006, p. 32).

Com relação a formação continuada de professores na ampliação do conhecimento sobre as realidades quilombolas, buscando melhorar a qualidade de vida destes povos, iniciou-se dentro das comunidades, a formação de turmas de alfabetização, a partir do método freireano, para a efetivação de um aprendizado que contribuísse com a valorização da cultura, e identidade destes povos (PARANÁ, 2006, p. 33).

E por fim, a elaboração específica de uma proposta pedagógica, para escolas estaduais, que serão construídas em Áreas Remanescentes de Quilombos, ação inédita em termos de política pública educacional, considerando a inexistência de propostas pedagógicas específicas a população quilombola em outras regiões do país (PARANÁ, 2006, p. 33).

## 6. METODOLOGIA

O presente artigo foi realizado através de pesquisa bibliográfica, que segundo (SILVA, e MENEZES. 2005, p. 21), “quando elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros, artigos de periódicos e atualmente com material disponibilizado na internet”.

A pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental em todo trabalho científico que influenciará todas as etapas de uma pesquisa, tendo como objetivo: fazer histórico sobre o tema, atualizar-se sobre o tema escolhido, encontrar respostas aos problemas formulados, levantar contradições sobre o tema, evitar repetição de trabalhos já realizados (Amaral, 2007, p. 1).

Sendo assim, é importante salientar, que antes de fazer pesquisa científica bibliográfica, é imprescindível o uso de material com exatidão, com informações precisas e científicas sobre o tema a ser estudado/pesquisado.

## 7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses povos que ajudaram na construção do Brasil, que estão na história brasileira, mas mais que isso, se faz presente na formação da identidade brasileira, são povos de extremo valor, se encontram vivos na sociedade brasileira, sendo marcados por suas lutas e conquistas, isso se confirma na fala de Paulo freire, na obra pedagogia do oprimido:



“Daí em diante, este ser, que desta forma atua e que, necessariamente, é um ser consciência de si, um ser “para si”, não poderia ser, se não estivesse sendo, no mundo com o qual está, como também este mundo não existiria, se este ser não existisse. E é como seres transformadores e criadores que os homens, em suas permanentes relações com a realidade, produzem, não somente os bens materiais, as coisas sensíveis, os objetos, mas também as instituições sociais, suas ideias, suas concepções. Através de sua permanente ação transformadora da realidade objetiva, os homens simultaneamente, criam a história e se fazem seres históricos- sociais” (FREIRE, Paulo. Pág. 92, 1987).

Sendo assim, os quilombolas fazem e continuam seres históricos-sociais, transformadores e criadores ao qual transforma sua realidade fazendo história.



## REFERÊNCIAS

AMARAL, João J.F. **Como fazer uma pesquisa bibliográfica**, Fortaleza, janeiro de 2007, (p. 1-18).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**, 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FURTADO, M. B., SUCUPIRA, R.L., & ALVES, C.B. (2014). **Cultura identidade e subjetividade quilombola: uma leitura a partir da psicologia cultural**. Universidade de Brasília, Brasília, DF, Brasil, (2014, p. 106- 115).

HAERTER, Leandro. NUNES, Georgina Helena Lima. CUNHA, Deise Terezinha Radmann. **Refletindo acerca da contribuição da cultura quilombola aos currículos da educação básica brasileira, através da presença da história das África e afro-brasileira**, São Leopoldo v. 18 n. 3, dezembro de 2013 (p. 267-278).

JUNIOR, Henrique Antunes Cunha. **Quilombo: patrimônio histórico e cultural**. Revista espaço acadêmico n° 129- fevereiro de 2012.

LARCHERT, J. M. E OLIVEIRA, M. W. De. **Panorama da educação quilombola no Brasil**.

*Políticas Educativas*, v. 6, n. 2, p. 44–60, 2013. Disponível em:

<<http://www.seer.ufrgs.br/Poled/article/download/45656/28836>>.

MARQUES, Carlos Eduardo. **De quilombos a quilombolas: notas sobre um processo histórico-etnográfico**. Faculdade de ciências da favale/UEMG- 2009

PARANÁ: **pilões, peneiras e conhecimento escolar**/ Secretaria de Estado da Educação. Superintendente da Educação – Curitiba: SEED- 2010. – 101 P. – (cadernos temáticos da diversidade).



SILVA, Delma Josefa da. **Educação quilombola: um direito a ser efetivado**. Edição: Centro de Cultura Luiz Freire - Aldenice Teixeira Instituto Sumaúma - Maria das Dores Barros. (p.5-29).

SILVA, Edna Lúcia da. MENEZES, Estera Muszkat. **Metodologia da pesquisa e elaboração de dissertação** – 4. Ed. rev. Atual. Florianópolis: UFSC, 2005. 138p.

SILVA, George. MELO, Sayonara Figueiro Bezerra. **Análise religiosa e cultural das comunidades quilombolas na atualidade**, Universidade católica de Pernambuco, 2011.

TERRA E CIDADANIA, **terras e territórios quilombolas**, grupo de trabalho Clóvis Moura, relatório 2005- 2008, Curitiba, 2008. ( p. 1-244)